



Argumentum

E-ISSN: 2176-9575

revistaargumentum@yahoo.com.br

Universidade Federal do Espírito Santo
Brasil

Rocha SILVA, Maria do Socorro; Rocha de SÁ, Maria Elvira
Medo na cidade: estudo de caso no bairro da Terra Firme em Belém (PA)
Argumentum, vol. 4, núm. 2, julio-diciembre, 2012, pp. 174-188
Universidade Federal do Espírito Santo
Vitória, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=475547481014>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

ARTIGO

Medo na cidade: estudo de caso no bairro da Terra Firme em Belém (PA)

*Fear in the city: a case study in the neighborhood of the mainland
in the city of Belém (Pará State)*

Maria do Socorro Rocha SILVA¹
Maria Elvira Rocha de SÁ²

Resumo: O texto apresenta resultados de pesquisa acerca do medo na cidade, no bairro da Terra Firme, em Belém (PA), com base numa ancoragem teórica com capacidade heurística de explicar as contradições imbricadas no processo de urbanização capitalista e as expressões da “questão social” reveladas no fenômeno da segregação socioespacial. As análises desenvolvidas basearam-se em observações diretas sobre este fenômeno neste bairro, que passaram a definir objetivos de pesquisa qualitativa, utilizando-se entrevistas com moradores, comerciantes e policiais militares, centradas na apreensão de mudanças na dinâmica social e na busca de explicações acerca do fenômeno do sentimento de medo na cidade, determinado pela violência urbana. Ao final, concluiu-se que a partir da lógica de constituição do urbano hegemonizada pelo capitalismo, são emblemáticas as manifestações deste fenômeno no referido bairro.

Palavras-chave: Urbanização capitalista. Medo na cidade. Violência urbana.

Abstract: The paper presents results of research about the fear in the city, in the neighborhood of the Mainland in the city of Belém, Pará State, based on a theoretical anchoring heuristic capable of explaining the contradictions intertwined in the process of urbanization and capitalist expressions of "social question" revealed in phenomenon of spatial segregation. The analyzes carried out were based on direct observations on this phenomenon in this neighborhood, which come to define research objectives using qualitative interviews with residents, traders and military police focused on seizing changes in social dynamics and the search for explanations of the phenomenon the feeling of fear in the city given by urban violence. In the end, it was concluded that, based on the logic of hegemony by the constitution of urban capitalism, are emblematic manifestations of this phenomenon in that neighborhood.

Keywords: Capitalist urbanization. Fear in the city. Urban violence.

Submetido em: 30/05/2012

Aceito em: 18/09/2012

¹Mestre em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Pará - (UFPA, Brasil). Assistente Social da Superintendência do Sistema Penitenciário do Pará SUSIPE (PA). E-mail: <mariasocial2@gmail.com>.

²Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - (UFRJ, Brasil) e professora do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas/Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Pará - (UFPA, Brasil). E-mail: <marel.rdsa@gmail.com>.

Introdução

Os problemas urbanos de caráter estrutural, aqui considerados como expressões da “questão social”³ e, portanto, determinados pelas contradições imanentes ao modo de produção capitalista, são reproduzidos com intensidades variadas nas cidades brasileiras e amazônicas. Belém, capital do estado do Pará, é impactada por intensos e agudos processos de segregação socioespacial determinados pelo auge e declínio da economia centrada na extração e comercialização da *hevea brasiliensis* (seringueira) – 1850-1910⁴ – e, a partir da segunda metade do século XX, pela política de ocupação da região amazônica impulsionada pelos governos militares após o Golpe de Estado de 1964.

Ao se consolidar como polo de atração de grandes fluxos migratórios, Belém não possuía infraestrutura capaz de

absorver esses novos contingentes populacionais, o que resultou, ao longo dos últimos anos, no aumento de ocupações em áreas insalubres, identificadas localmente como “baixadas”⁵, enquanto em outras cidades são denominadas favelas. Essas áreas são marcadas pela falta e/ou insuficiência de infraestrutura básica e pela prevalência da informalidade nas relações de trabalho de seus ocupantes, aspectos reveladores de maior vulnerabilidade social, com reflexos na elevação dos índices de criminalidade e violência⁶.

⁵ “Baixadas” são áreas alagadas ou alagáveis pela concentração das águas das chuvas e pelos fluxos das marés dos rios e seus afluentes que cortam o sítio urbano de Belém. São “terrenos cujas curvas de níveis estão abaixo da cota de 4m [do nível do mar]” (ABELÉM, 1988, p. 31). Essas áreas são ocupadas por contingentes de trabalhadores de baixa renda, enquanto não ocorre o processo voraz de expansão do capital imobiliário.

⁶ Continua atualizado o registro que Friedrich Engels fez sobre Manchester e outras cidades inglesas impactadas pelas transformações gestadas sob a revolução industrial da segunda metade do século XIX. Ao tratar as formas como a burguesia resolve a questão da habitação, Engels parte do pressuposto que “as modernas ciências naturais provaram que os chamados ‘bairros feios’ onde amontoam-se os trabalhadores são os centros de todas as epidemias que periodicamente experimentam as nossas cidades. Os germes de cólera, de tifo e de febre tifóide, varíola e de outras doenças devastadoras espalham-se no ar pestilento e nas águas contaminadas destes bairros operários; daí jamais eles desaparecem completamente, desenvolvendo-se desde que as circunstâncias sejam favoráveis e provocando epidemias, que então propagam-se dos seus lares até os bairros mais arejados e mais sadios dos senhores

³ De acordo com Paulo Netto (2001, p. 43), “[...] foi a partir da perspectiva efetiva de uma eversão da ordem burguesa que o pauperismo designou-se como ‘questão social’”. O uso desta expressão está relacionado à emergência da classe trabalhadora no cenário político e, ainda segundo Paulo Netto (2001), o uso das aspas é para indicar a sua apropriação mistificadora pelo ideário burguês.

⁴ Parte deste período foi designada por *Belle Epoque*, por ter sido marcado por intervenções urbanísticas modernizadoras realizadas durante a gestão do Intendente Antonio Lemos (1898-1912), para atender as demandas das elites locais e externas vinculadas às atividades comerciais da borracha.

Estes reflexos repercutem nas mudanças na vida diária, nos costumes dos que residem em seus diferentes bairros e, de forma particular, no bairro da Terra Firme, destacando-se, entre estes, o acirramento do sentimento de medo, já que são mencionadas por seus moradores como áreas em que este sentimento prevalece, impedindo, no limite, a acessibilidade plena e o direito de ir e vir dos que nelas residem.

A violência urbana subverte e desvirtua determinadas funções das cidades, acaba com vidas, especialmente as dos jovens e dos mais pobres, e dilacera famílias. Potenciais cidadãos são transformados em pessoas consumidas pelo medo, o que pode ser verificado pelo crescimento do mercado de materiais e equipamentos de segurança, como alarmes e câmeras cada vez mais sofisticadas tecnologicamente, que precisam ser instalados nas residências, ônibus, bancos, shoppings, supermercados, entre outros. O projeto arquitetônico de residências e dos prédios públicos ou privados sofre mudanças estruturais, tornando-os parecidos aos presídios, com suas grades e cadeados. É o processo de acumulação do capital utilizando-se de novos nichos de mercado, atingindo outros segmentos na procura voraz por níveis mais elevados de lucro. A tendência ao isolamento, revelada pe-

capitalistas. Estes não poderiam permitir-se impunemente o prazer de gerar epidemias entre a classe operária, pois eles sofreriam as consequências; o anjo exterminador os maltrataria tão cruelmente como aos trabalhadores" (ENGELS, 1988, p. 35).

las grades nas casas e nos espaços de comércio, não pode ser generalizada para a cidade como um todo, pois há espaços que ainda não foram totalmente capturados ou envolvidos nessa tendência à violência, como algumas praças que atraem pessoas para manifestações diversas, mesmo que prevaleça a precarização de seus equipamentos, como é o caso daquelas localizadas em bairros periféricos.

A demonstração de processos segregativos pode ser feita, de um lado, pela abordagem acerca da precarização das condições de moradia daqueles segmentos de trabalhadores que ocupam áreas de várzea que margeiam a baía de Guajará e o rio Guamá, como o igarapé Tucunduba, um de seus afluentes, que corta a extensão territorial do bairro da Terra Firme. De outro lado, essa segregação é demonstrada pela identificação da ausência e/ou insuficiência na implementação de políticas públicas voltadas ao acesso ao saneamento básico, à habitação de interesse social, à regularização fundiária, à educação profissionalizante, à saúde, ao trabalho e à geração de renda. Esses processos são determinados, entre outros fatores, pela minimização das ações públicas voltadas à reprodução social da força de trabalho, em contraponto às políticas que privilegiam os processos de acumulação do capital.⁷

⁷ Segundo Davis (2006, p. 27), [...] "o crescimento urbano rápido no contexto do ajuste estrutural, da desvalorização da moeda e da redução do Estado foi a receita inevitável da produção em

A falta de atendimento às necessidades básicas de contingentes massivos de trabalhadores que ocupam de maneira informal áreas insalubres nos chamados bairros periféricos na cidade de Belém torna emblemática a situação atual do bairro da Terra Firme. Este bairro é publicizado pelos meios de comunicação como um bairro violento, porém, os registros emitidos por órgãos de segurança pública acerca dos índices de violência que ocorrem em outros bairros de Belém constatam que seus índices são menores, se comparados a outros bairros da capital. O que não se pode desconsiderar é o reforço do estereótipo que vincula pobreza e violência como características inerentes ao bairro. Tal imagem foi construída socialmente ao longo de seu processo de ocupação, pois o que antes era considerado provisório, sem perspectiva de consolidação futura, com a maioria da sua população oriunda do interior do estado do Pará, torna-se um bairro populoso, que apresenta problemas de caráter estruturante, típicos de sua condição segregada.

A partir dessas considerações, o bairro da Terra Firme foi definido como universo da pesquisa, tendo como objeto o sen-

massa de favelas. Um pesquisador da Organização Internacional do Trabalho (OIT) estimou que o mercado habitacional formal do Terceiro Mundo raramente oferece mais de 20% do estoque de residências e assim, por necessidade, as pessoas recorrem a barracos construídos por elas mesmas, a locações informais, a loteamentos clandestinos ou às calçadas”.

timento de medo no contexto da violência urbana. A pergunta que norteou o processo investigativo foi assim formulada: o aumento do sentimento de medo, como expressão da violência no bairro da Terra Firme, indica a cidade de Belém como uma “fobópole”⁸? Para obtenção de respostas a tal questionamento foi utilizada a abordagem qualitativa, por meio de entrevistas semiestruturadas com moradores, comerciantes e policiais que trabalham e/ou residem no bairro. Vale destacar que as áreas onde ocorreram as entrevistas (ruas Celso Malcher, 24 de Dezembro, Comissário, Nossa Senhora das Graças e Perimetral) foram selecionadas a partir dos resultados de pesquisa realizada por Couto (2008), que espacializou e identificou os pontos de comercialização de drogas no bairro da Terra Firme, além do levantamento nos registros de ocorrências da Polícia Militar – ano base de 2010, que indica as ruas onde há índices elevados de violência, como por exemplo, homicídios e furtos.

As determinações que alicerçam o modo de produção capitalista, ao contribuírem para o acirramento das manifestações do sentimento do medo e da violência na cidade, instigam a busca de sua apreensão, em níveis explicativos, a partir das

8 “Fobópole” é resultado da combinação de dois elementos de composição, derivados das palavras gregas *phóbos*, que significa ‘medo’, e *pólis*, que significa ‘cidade’. [...] Uma ‘fobópole’ é “[...] uma cidade dominada pelo medo da criminalidade violenta. Mais e mais cidades vão, na atual quadra da história, assumindo essa característica” (SOUZA, 2008, p. 9).

manifestações do processo de segregação socioespacial e seus rebatimentos no modo de vida dos sujeitos que vivem **nesses** espaços.

Urbanização capitalista e medo na cidade

As políticas desenvolvidas pelo Estado capitalista assumem estruturalmente características centradas na extração da mais-valia e do lucro e, entre estas, estão as políticas urbanas. Segundo Harvey (2005, p.150), o grande interesse do capital é a busca de mais espaços para desenvolver sua capacidade de acumulação, mesmo que para isso seja necessária a destruição daqueles já existentes, ao registrar que:

[...] o capitalismo se esforça para criar uma paisagem social e física da sua própria imagem, e requisito para as suas próprias necessidades em um instante específico do tempo, apenas para solapar, despedaçar e inclusive destruir essa paisagem num instante posterior do tempo.

Harvey, ao participar do Fórum Social Mundial em Belém do Pará, no ano de 2009, inicia sua exposição fazendo o seguinte questionamento: por que o capital consegue exercer tantos direitos sobre a cidade? Ao responder a esta indagação, Harvey (2009) constata que nos últimos 30 anos o capital vem produzindo muitas crises financeiras e que a origem da maioria dessas crises está na urbanização, na propriedade urbana, intitulando-a como “crise urbana”, constatando que:

Os capitalistas, quando têm dinheiro, têm também a escolha de como reinvesti-lo. Você pode investir em nova produção [...]. Eles têm investido na compra de ativos, ações, direitos de propriedade, inclusive intelectual, e, é claro, em propriedade imobiliária [...]. Com isso, os preços da propriedade imobiliária aumentam mais e mais. E isso não torna uma cidade melhor, e sim a torna mais cara [...]. Em outras palavras, o direito das pessoas à cidade foi subtraído.

Nesse processo, os detentores do capital exercem, cada vez mais, o poder sobre a cidade, sendo essa a única maneira de utilizar o seu excedente. O questionamento é: a fração da classe trabalhadora terá incentivos no processo de construção da cidade? A resposta, segundo Harvey (2009), é que sim, porém, o método utilizado culminará no lucro para os capitalistas e no endividamento para os trabalhadores, já que:

As instituições financeiras concedem empréstimos aos empreendedores imobiliários para que eles desenvolvam grandes áreas da cidade. Você tem os empreendedores que promovem o desenvolvimento, mas o problema é: para quem eles vendem os imóveis? Se a renda da classe trabalhadora estivesse crescendo, então talvez eles poderiam vendê-los para os trabalhadores. Mas desde os anos de 1970 as políticas do neoliberalismo têm implicado reduções salariais [...]. E de onde vem a demanda por habitação? A resposta consistia em conduzir as classes trabalhadoras a uma situação de débito.

O Estado atua como um grande consumidor do espaço e é um dos grandes proprietários fundiários, já que possui uma grande reserva fundiária que, em

certos momentos, é utilizada para negociações com diversos grupos sociais, além de ser um agente de regulação do solo. Essas complexas possibilidades de ação do Estado capitalista no processo de constituição das cidades, por exemplo, são efetivadas devido à prevalência de ações marcadas pelos interesses de classes; e entre estas estão aquelas que tendem a beneficiar as frações política e econometricamente dominantes.

Neste sentido, a constituição das cidades brasileiras contemporâneas vem sendo historicamente marcada pela lógica segregadora imanente ao modo de produção capitalista, seja através do embelezamento dos chamados centros urbanos, com projetos urbanísticos de “renovação urbana” ou, ainda, pela política de ocupação e uso das terras pelo capital imobiliário. Com isso, o contingente de trabalhadores de baixa renda afasta-se das áreas centrais e desloca-se para áreas sem infraestrutura, ora próximas, ora distantes da maior concentração de equipamentos e serviços coletivos.

Segundo Davis (2006, p. 25), citando dados da UN-Habitat, a população das favelas cresce e as maiores taxas são constatadas nos países pobres que, em sua maioria, eram ou ainda são rurais. O Fundo Monetário Internacional (FMI), que impôs os Planos de Ajuste Estrutural (PAEs) aos países periféricos, foi responsável pelo *boom* da pobreza e pelo desemprego de milhões de pessoas em vá-

rios continentes. Nos países do Sul, este fenômeno atinge, no final da década de 1990, mais de um terço da força de trabalho. Esta tendência, somada à concentração demográfica em níveis exponenciais nas cidades, leva Davis (2006, p. 27) a concluir que “[...] a ‘superurbanização’, em outras palavras, é impulsionada pela reprodução da pobreza, não pela oferta de empregos. Essa é apenas uma das várias descidas inesperadas para as quais a ordem mundial neoliberal vem direcionando o futuro [...]”, contrariando a tendência de cidades idealizadas por urbanistas.

A “superurbanização”, no atual estágio da acumulação capitalista, é um elemento que pode explicar os problemas enfrentados nas cidades brasileiras, por exemplo, a violência urbana, que vai resultar no sentimento de medo de viver na cidade. O medo na cidade e a construção de sentimentos anticidade assumem diferenciações de acordo com os momentos históricos em que são observados. Esses processos começaram a ter maior visibilidade a partir da expansão das metrópoles, aprofundando-se de forma mais radical em algumas regiões do mundo.

Atualmente, o medo na cidade – e porque não dizer da cidade – vem sendo abordado quando esta adquire a identidade de “cidade do medo”. Ao ser propagada pela mídia, faz com que haja o risco da perda de identidade de cidades que foram construídas pelas belezas na-

turais, e de outros elementos definidores da imagem das chamadas cidades planejadas. O medo associado à materialidade das formas de violência vivenciadas por contingentes massivos de citadinos, respondem contemporaneamente pela aversão à cidade. Estes processos resultam de múltiplas determinações engendradas pelas transformações ocorridas na acumulação capitalista, com particularidades nos países centrais, nos continentes e nos respectivos países localizados nas regiões periféricas deste modo de produção. Estas formas de violência urbana variam num amplo espectro, indo das ocorrências mais brutais de criminalidade e de banalização da vida até as formas agudas geradas pela fome, pelo não acesso ao trabalho e à terra para morar e produzir. Para Wacquant (1999):

[...] a penalidade neoliberal ainda é mais sedutora e mais funesta quando aplicada em países ao mesmo tempo atingidos por fortes desigualdades de condições e de oportunidades de vida e desprovidos de tradição democrática e de instituições capazes de amortecer os choques causados pela mutação do trabalho e do indivíduo no limiar do novo século (WACQUANT, 1999, p. 4).

Dessa forma, a compreensão da violência nos exige a apreensão dos efeitos da mundialização do capital na urbanização contemporânea. O urbanismo dos autoconstrutores modifica constantemente a paisagem das cidades, e é a partir dos bairros pobres que surgem, por conta de tal intervenção, as localidades informais, onde a violência encontra condicionali-

dades favoráveis à sua (re) produção. Para Pedrazzini (2006, p. 23),

A violência urbana não é um fenômeno isolado: a urbanização caótica, a densificação ou a privatização dos espaços públicos, a segregação social e racial leva a considerar as atividades informais e ilegais, violentas ou não, como indicadores de uma transformação mundial da civilização urbana. A informalização da urbanização é uma resposta das populações carentes à globalização e às políticas de segurança, na medida dos seus meios (PEDRAZZINI, 2006, p. 23).

O processo de segregação socioespacial engendrado na sociedade cindida pelo antagonismo entre classes sociais é uma das determinações estruturantes para a explicação de tal medo, tomado como justificativa para a rejeição à cidade. Daí é necessária a compreensão acerca de como se dá a localização de condomínios fechados, afastados dos centros, cuja construção é justificada pelo discurso de segurança e comodidade, em oposição à tumultuada concentração humana, gerando, de forma contraditória, processos autossegregativos.

Segundo Caldeira (2000), o tipo de cidade neoliberal na qual estamos inseridos, com a valorização de espaços privados e fechados, e a desvalorização e estigmatização do público é, em vários sentidos, uma cidade não democrática, uma cidade partida. E, ainda para esta autora, nos últimos quinze anos as práticas sociais vivenciadas no espaço urbano têm sofrido alterações significativas, marcadas pela concentração de grupos sociais hete-

rogêneos quanto à sua inserção na apropriação dos meios de produção. Tal separação manifesta-se socialmente pela presença de muros, que não são apenas físicos, mas também simbólicos, marcando de forma sofisticada processos profundos de distanciamento social, levando-a a afirmar que o abandono de valores vinculados a um espaço público aberto e igualitário conduz à separação e ao estabelecimento de distâncias insuperáveis entre grupos sociais, fazendo crer que cada um deva se isolar e conviver apenas com os seus iguais (CALDEIRA, 2000, p.219).

Dentre os efeitos da violência urbana, está o sentimento de medo, que não se limita à subjetividade, mas que pode e deve ser compreendido a partir da lógica incontrolável do processo de acumulação capitalista, que destrói e segmenta os espaços, num curto período de tempo. Distinguir áreas de risco ou áreas onde a intensidade do medo é mais forte, torna-se cada vez mais difícil de ser operacionalizado, pois as condições de vida reveladas pela baixa escolaridade, pela inserção nas faixas etárias de maior grau de vulnerabilidade social, pelas restrições no acesso às oportunidades de trabalho e renda, não são determinadas geograficamente, pois a disseminação do sentimento de insegurança independe do local de residência, quando se verificam mudanças significativas no modo de vida de determinados grupos sociais.

Nessa perspectiva, vivencia-se, na atualidade, o genocídio de jovens pobres e negros, que morrem e matam em confrontamentos sem motivos justificados. Mesmo com a resistência de muitos jovens, uma parte dessa juventude sem perspectiva de vida, longe das oportunidades suscitadas pela educação e cultura, sem lazer, esporte e afeto acabam se deixando seduzir pela vida do crime. Ao serem seduzidos, aceitam a arma como o caminho para a visibilidade social e o reconhecimento em seus nichos, que são os espaços onde estabelecem suas relações sociais. Logo, o desejo pelo reconhecimento e valorização é mais profundo do que a própria fome física, sendo a cooperação pelo crime mais que uma questão meramente numérica.

Para Souza (2008), a mídia passa a ter um papel fundamental no que diz respeito à disseminação do sentimento de medo e que “isso acontece, entre outros fatores, porque a mídia comumente se encarrega de amplificar e retroalimentar o medo. O crime rende boas manchetes, o medo do crime vende jornais e encontra ampla audiência [...]”. E afirma ainda que:

[...] um medo generalizado, ainda que matizado, também ele (de acordo com a classe, a cor da pele, a faixa etária, o sexo e o local de residência) toma conta de corações e mentes, (re) condicionando hábitos de deslocamento e lazer, influenciando formas de moradia e habitat e modelando alguns discursos-padrão sobre a violência urbana (SOUZA, 2008, p.54).

Logo, a “fobópole” pode significar uma cidade dominada pelo medo da crima-

lidade violenta, ressaltando-se, no entanto, que o medo da violência não é algo novo ou contemporâneo, podendo-se constatar diferenciações no grau de intensidade, de acordo com momentos históricos diversos.

O bairro da Terra Firme em destaque - "Ali? Me róba logo!"

É de extrema importância identificar e apreender alguns fatores que contribuíram para a compreensão acerca do medo na cidade. Entre estes está a dinâmica social reveladora de mudanças significativas no cotidiano e nas relações estabelecidas pelos indivíduos que vivem e constroem suas histórias no espaço cidadino. Nesta perspectiva, a reflexão acerca do que ocorre no bairro da Terra Firme, identificado como bairro periférico e violento, possibilitará uma melhor apreensão sobre alguns destes elementos das mutações ocorridas, seja espacial, estrutural e cultural dos sujeitos que lá vivem, que poderão ser ocasionadas por este sentimento de fobia na cidade.

O bairro da Terra Firme surge na década de 1940, sendo historicamente considerado um bairro muito novo. Seus terrenos, pelas características topográficas, sofrem a influência das chuvas e das marés (pela proximidade com um dos afluentes do rio Guamá – igarapé Tucunduba – que margeia a cidade de Belém), apresentando-se permanente ou temporariamente alagados, na maior parte do ano. As famílias que lá se instalaram o fazem

por não terem outra alternativa de acesso à terra para morar, resultado da intensa concentração demográfica nas terras altas da cidade de Belém.

Tal denominação é atribuída à ocupação inicial de uma estreita faixa de terra considerada “terra firme”, que ao longo do tempo não foi suficiente, dado o intenso fluxo populacional, levando à ocupação também dos terrenos alagados ou alagáveis do seu entorno. Segundo antigos moradores, este bairro era muito calmo, onde as famílias se reuniam em frente às suas residências para contar histórias, sem a preocupação com assaltos ou outros tipos de violência, conforme o relato abaixo.

A Terra Firme era muito calma. [...] A gente podia ficar na frente das nossas casas e as crianças podiam brincar. [...] Tinha muito mato e pouca gente morava aqui no bairro. [...] Sempre foi perto de tudo, isso era muito bom. [...] Criei meus filhos sem preocupação. [...] Não é como hoje, né!" (Comerciante-moradora).

O intenso processo de adensamento populacional no bairro da Terra Firme durante as décadas de 1970 e 1980 é determinado, entre outros fatores: pela valorização do solo no centro da cidade, elevando o custo da terra e expulsando muitas famílias que lá residiam; pela maior disponibilidade de terras nas baixadas, já que as mesmas não interessavam aos empreendedores imobiliários, o que provocou a atração de famílias de trabalhadores de baixa renda, levando-as a ocuparem essas áreas; e pela proximidade com as áreas centrais de Belém, on-

de estão concentrados os equipamentos e serviços coletivos básicos.

A partir de 1990, intensifica-se ainda mais essa concentração demográfica no bairro, sendo a maioria de ocupações irregulares e precárias, dada a insuficiência ou falta de infraestrutura e regularização fundiária, o que leva à agudização de múltiplos problemas sociais, expressões da “questão social” engendrada pela lógica capitalista vigente na atual organização social, política e econômica. Neste sentido, o bairro da Terra Firme passou a ser identificado como um bairro de pessoas pobres e apresentava altos níveis de violência. Segundo Rodrigues,

[...] o bairro da Terra Firme é absolutamente horizontalizado, sua tipologia urbana é favelada. Foi estruturado em sítio predominantemente alagável, ou seja, em área de baixada, a partir de uma extensa área institucional até hoje formalmente pertencente à Universidade Federal do Pará, inserida na Primeira Léguia Patrimonial. Sua população em 1991 era de 59.231 habitantes, representando 4,5% da população do setor urbano. Não há dúvida que áreas de tipologia de favela em baixadas estarão perfeitamente representadas pelo bairro (RODRIGUES, 1996, p. 236).

Na atualidade, segundo o IBGE (2011), a população recenseada no bairro em 2010 totaliza 61.439 habitantes, correspondendo ao percentual aproximado de 4,5% da população residente na área considerada urbana no município de Belém, em relação ao Censo Demográfico de 1991. Em termos comparativos, a Terra Firme é um dos bairros mais populosos de Belém e

onde também ocorrem altos índices de criminalidade e intenso tráfico de drogas. Este fenômeno é acirrado pela disputa por “pontos” de venda de drogas, deixando a população em constante sobressalto e, principalmente, impactada pelo desconforto da mudança não desejada de hábitos cotidianos.

O quantitativo populacional do bairro da Terra Firme não pode ser considerado como determinante para as mudanças dos hábitos cotidianos dos moradores, nem para o alto índice de violência no referido bairro. Neste sentido, busca-se na explicitação dos processos de ocupação e urbanização da área, marcados pela ausência de políticas públicas de caráter estruturante, como a de habitação social, de saneamento, de geração de trabalho e renda, entre outras, os elementos para a explicação dos fenômenos do medo e da violência no bairro.

O bairro da Terra Firme está inserido na lógica prevalente da informalidade no acesso à terra para morar, compreendida a partir de altos índices de ocupações espontâneas que fogem aos padrões de ocupação territorial, como o adensamento, alinhamento, tamanho dos lotes, entre outros. Há neste bairro uma alta concentração de trabalhadores de baixa renda, seja pelas características físicas da maioria das moradias, seja pelas ruas sem pavimentação adequada, pela falta de rede de esgotamento sanitário e de coleta regular de lixo ou, ainda, pela falta de áreas de lazer e de segurança pública, além do transporte coletivo que não aten-

de à demanda da população do bairro. Em relação à renda, segundo dados disponíveis sobre o município de Belém (não desagregados por bairro), o Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2011) revela que a renda nominal mensal de pessoas com 10 anos ou mais de idade, ou seja, de 83,7% de seus habitantes, não ultrapassa dois salários mínimos, enquanto 41,3% deste total não têm rendimentos. Este resultado ratifica o quadro de vulnerabilidade social da maioria dos que residem neste município e, por aproximação, dos residentes neste bairro.

“Ali? Me *róba* logo!” é uma gíria bastante conhecida pelos moradores do bairro da Terra Firme e de outras áreas periféricas da cidade de Belém. A mesma significa que há certas ruas em que as pessoas não podem transitar, pois serão assaltadas. O mais surpreendente é que nas ruas onde há o domínio e a circulação de drogas, o índice de assaltos é muito pequeno, ao contrário de outras ruas onde os assaltos são constantes. De acordo com informações que circulam na mídia local e nacional, os traficantes não aceitam assaltos nas áreas em que atuam, pois reconhecem que essas ocorrências atraem a atenção da polícia, o que dificulta a comercialização das drogas. Segundo as constatações de um policial militar residente no bairro e de um morador, o tráfico é responsável pelo alto índice de violência na área:

Eu morava ali na rua Comissário. [...] Da Passagem Cáritas pra lá era só mato. [...] Então a minha infância foi toda ali naquela

área. [...] O bairro ficou popular. [...] A gente saía. [...] De uns tempos pra cá, né, passou a ter as “invasões”. [...] Os “invasores” chegaram, aí passou a complicar mais. [...] Começou a se formar as gangues, as pessoas começaram a assaltar, a roubar. [...] Depois veio o tráfico de drogas. [...] As pessoas que morrem são ligadas ao tráfico [...] (Policial Militar-morador).

Mudou tudo. O bairro era tranquilo, tive muitos amigos aqui. [...] Conheço tudo no bairro, perdi muitos amigos aqui, mas a maior perda foi meu irmão. Ele era usuário de droga, vivia na 24 de Dezembro e estava devendo muito dinheiro para aqueles caras (Morador).

Ainda nas primeiras abordagens realizadas *in loco*, foi constatado que a Terra Firme tornou-se um bairro onde o medo prevalece, a partir das mudanças efetuadas por seus moradores na arquitetura de suas residências e de suas instalações comerciais, passando a instalar grades com cadeados nas fachadas das mesmas e contratar vigilância particular permanente. A mudança da arquitetura das casas no bairro da Terra Firme, ocorrida ao longo dos últimos anos, transforma a casa, que é o lugar de proteção de seus habitantes, em uma espécie de “prisão”, condição que inviabiliza a realização de práticas sociais de integração e cooperação entre vizinhos. A busca por residências fortificadas revela o grau de vulnerabilidade a que estão expostos os seus moradores, que adotam estratégias para defesa e proteção com seus próprios recursos, conforme a declaração a seguir:

Lá em casa é tudo gradeado, como as coisas mudam, né! A gente brincava na rua, tomava banho na chuva e corria pelo bair-

ro, era muito legal. [...] A Terra Firme não foi sempre assim, eu gostava muito daqui, mas agora parece que eu moro numa prisão, quando entro aqui não posso mais sair (Morador).

No processo de entrevista, o depoimento de um morador chamou a atenção, pois ao ser indagado sobre a arquitetura atual das residências no bairro, constatou que: “quando meu filho me pede pra brincar na rua, aí eu digo pra ele que não [...]. E pergunto: tá vendo aquela grade ali? E eu respondo: é ela que te separa do mundo, e este mundo tá em guerra!” Tal depoimento reflete uma das consequências da violência urbana, quando retira do indivíduo um de seus direitos primordiais, que é a liberdade de ir e vir.

No bairro há horários recomendados para o trânsito de pedestres nas ruas, sendo os não recomendados os horários entre 12h às 16h e de 20h às 06h da manhã. Para pessoas que utilizam os transportes que passam no bairro, há escolhas de linhas de ônibus, pois se verifica um certo preconceito para com os moradores da Terra Firme, podendo ser observado na seguinte fala: “eu não pego o ônibus que vem do Tucunduba porque pra lá só é ladrão.”

A materialidade do medo na cidade é também demonstrada pelos cuidados adotados por seus moradores quando escolhem determinados tipos de vestimentas e adereços, e ainda escolhem áreas dentro da cidade para se deslocaram ao trabalho, à escola, ao lazer, o que leva a se identificar lugares em que o direito

constitucional da mobilidade/acessibilidade é negado, pois a imagem massificada pela mídia é que há determinadas áreas que são perigosas e inseguras, conforme constatações de moradores entrevistados:

É como em todo bairro, tem alguns lugares que eu acho perigoso, mas não tanto assim, né! A gente tem que saber andar e não ir mostrando, por aí, celular, cordão [...] (Moradora).

Tenho vergonha de dizer que moro aqui, prefiro dizer que sou de Canudos e invento uma rua de Canudos pra dizer que moro lá. A gente vive com medo de tudo aqui, não saio de celular pra ir na farmácia, imagina! Saio pra trabalhar e se eu quiser sair pra me divertir, só tenho que voltar no outro dia, já que nem meus amigos e nem o taxista querem me trazer até aqui (Morador).

Adorno (2002), em relação ao panorama da violência urbana no Brasil, constata o seguinte:

A sociedade brasileira, egressa do regime autoritário, há duas décadas vem experimentando, pelo menos, quatro tendências: a) o crescimento da delinquência urbana, em especial dos crimes contra o patrimônio (roubo, extorsão mediante sequestro) e de homicídios dolosos (voluntários); b) a emergência da criminalidade organizada, em particular em torno do tráfico internacional de drogas, que modifica os modelos e perfis convencionais da delinquência urbana e propõe problemas novos para o direito penal e para o funcionamento da justiça criminal; c) graves violações de direitos humanos que comprometem a consolidação da ordem

política democrática; d) a explosão de conflitos nas relações intersubjetivas, mais propriamente conflitos de vizinhança que tendem a convergir para desfechos fatais (ADORNO, 2002, p.88).

Este cenário da sociedade brasileira esboçado por Adorno pode ser completado pelas análises de Bauman (2009) acerca da sociedade moderna e seus vínculos com a insegurança, com a imagem de que o perigo está em todo lugar, ou seja, insegurança e perigo são inerentes a este estágio de sociedade, ressaltando ainda que o individualismo moderno prevalece quando os indivíduos desconfiam constantemente uns dos outros e das intenções dos mesmos. Mas, de quem se desconfia? Quem são os que ameaçam e explicitam por suas atitudes perigos iminentes? Bauman (2009) constata que:

As “classes perigosas” originais eram constituídas por gente “em excesso”, temporariamente excluída e ainda não reintegrada, que a aceleração do progresso econômico havia privado de “utilidade funcional”, e de quem a rápida pulverização das redes de vínculos retirava, ao mesmo tempo, qualquer proteção. As novas classes perigosas são, ao contrário, aquelas consideradas incapacitadas para a reintegração e classificadas como *não-assimiláveis*, porque não saberiam se tornar úteis nem depois de uma “reabilitação”. Não é correto dizer que estasjam “em excesso”: são *supérfluas* e excluídas de modo permanente [...]. Hoje a exclusão não é percebida como resultado de uma momentânea e remediável má sorte, mas como algo que tem toda a aparência de definitivo (BAUMAN, 2009, p. 22-23, grifos do autor).

Wacquant (2003) ao questionar os meios que o Estado capitalista utiliza para conter o fluxo crescente de famílias deserdadas, de jovens marginalizados e da intensificação da violência nos bairros, afirma que os serviços sociais tornam-se instrumentos de vigilância e de controle das classes ditas perigosas. Além disso, o autor acrescenta o aumento da população carcerária como uma resposta do Estado capitalista ao crescimento da violência, da juventude marginalizada, entre outros fenômenos.

Na atualidade, instaura-se, paradoxalmente, o avanço das forças produtivas em escala exponencial, ao mesmo tempo em que recrudescem níveis agudos de desigualdades sociais e de negação de direitos sociais, dada a apropriação concentrada de oportunidades e de riquezas produzidas socialmente, seja entre continentes, países, ou regiões e cidades dentro de um mesmo país. E é neste contexto marcado por relações contraditórias e paradoxais produzidas pela sociedade do capital que surgem estas “novas classes perigosas”, sobre as quais os fatos cotidianos ocorridos no bairro da Terra Firme são reveladores de tragédias e dramas pessoais por quem os protagonizam.

À guisa de conclusão

O processo de constituição do urbano em Belém, determinado pelas relações de produção capitalista, vem ao longo da história resultando na exacerbação de

processos segregativos e na mudança significativa de hábitos e modos de vida de grandes contingentes de trabalhadores que nela habitam, principalmente no acirramento do sentimento de medo e no surgimento de uma nova fobia – que é viver na cidade. Diariamente ouvem-se recomendações restritivas em relação à mobilidade em determinados lugares, que redundam nas limitações à acessibilidade nesses espaços.

A insegurança corresponde à ideia de que o perigo está por toda a parte, ou seja, é inerente à própria sociedade. É um sentimento de insegurança, segundo o qual os indivíduos suspeitam de tudo e de todos. O indivíduo passa a suspeitar do outro e de suas intenções, recusa-se a acreditar na solidariedade humana. Tal sentimento não surge de algo focalizado e individual, pelo contrário, foi construído a partir da lógica imanente às relações sociais vigentes, consoante à constituição do urbano marcada pelo acesso desigual a bens e serviços socialmente produzidos, o que vem contribuindo, entre outros processos, para o acirramento da violência urbana e, com este, o recrudescimento do medo de viver nas cidades contemporâneas.

No processo de ocupação do bairro da Terra Firme destaca-se a subsunção à lógica segregadora imanente à forma de organização econômica, social e política próprias do modo de produção capitalista e seus determinantes engendrados pelas ações do poder público constituído e, nes-

te processo, as expressões da “questão social” reveladas pelo acirramento do fenômeno do medo e da violência na cidade. Buscar compreender as novas culturas ou a extinção de outras existentes, os novos costumes, os padrões de circulação no espaço é dar conta, em nível explicativo, dos fundamentos de uma realidade socioeconômica onde prevalecem os interesses dos agentes do capital (em especial das frações do capital financeiro e imobiliário), de forma subordinada às multinacionais, matriz econômicas dos países centrais. É, portanto, dar conta, criticamente, da segregação socioespacial e seus rebatimentos no modo de vida dos sujeitos que vivem em cidades produzidas pelo *ethos* capitalista, movidas e alimentadas hegemonicamente por relações mercantilizadas e produtivistas, cuja base de sustentação é a propriedade privada dos meios de produção.

No caso da cidade de Belém, o processo de segregação socioespacial revelado pela expulsão de trabalhadores das áreas centrais para áreas distantes e/ou sem infraestrutura são fatores indicativos para compreensão do sentimento de medo, agravado pelos episódios de violência. A partir da reconstrução analítica do processo de ocupação e da dinâmica social atual do bairro da Terra Firme, inserido estruturalmente nesta cidade, feito pelos sujeitos que residem e/ou trabalham neste bairro, constata-se que Belém tende a ser considerada uma “fobópole”, ou seja, uma cidade onde o sentimento de medo é manifestado entre os que nela residem.

Referências

- ABELÉM, Auriléa Gomes. **Urbanização e remoção:** por que e para quem? Belém: Centro de Filosofia e Ciências Humanas/ NAEA/UFPA, 1988.
- ADORNO, Sérgio. Exclusão socioeconômica e violência urbana. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 84-135, jul./dez. 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- CALDEIRA, Teresa P. **Cidade de muros:** crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Ed. 34: EDUSP, 2000.
- COUTO, Aiala Colares de O. **A geografia do crime na metrópole:** da economia do narcotráfico à territorialização perversa em uma área de baixada de Belém. 2008. Monografia (Especialização) - NAEA, Universidade Federal do Pará, Belém.
- DAVIS, Mike. **Planeta favela.** São Paulo: Boitempo, 2006.
- ENGELS, Friedrich. **A questão da habitação.** São Paulo: Acadêmica, 1988.
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço.** São Paulo: Annablume, 2005.
- HARVEY, David. Discurso de Abertura na Tenda de Reforma Urbana. In: FÓRUM SOCIAL MUNDIAL, Belém, 2009. Disponível em: <<http://ongcidade.org/site/arquivos/noticias/harveyfsm49906df97693e.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2012.
- IBGE. **Censo Demográfico 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <<http://www.ibge.org.br>> Acesso em: 20 jan. 2012.
- PAULO NETTO, José. Cinco notas a propósito da “questão social”. **Temporalis**, v. 2, n. 3, p. 41-49, jan./jul. 2001.
- PEDRAZZINI, Yves. **A violência das cidades.** Petrópolis: Vozes, 2006.
- RODRIGUES, Edmilson Brito. **Aventura urbana:** urbanização, trabalho e meio ambiente em Belém. Belém: CEJUP, 1996.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole:** o medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- WACQUANT, Loïc. **Punir os pobres:** a nova gestão da miséria nos Estados Unidos. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2003.
- WACQUANT, Loïc. **As prisões da miséria.** Rio de Janeiro: Zahar, 1999.